A colorful illustration of diverse people of various ages and ethnicities holding hands in a large circle, symbolizing unity and community. The people are shown from the waist up, with their arms raised and hands clasped together. They are wearing various patterned and solid-colored clothing.

Flaviane Anchieta  
Viviane M. Machado Maurenente

# Tecendo histórias, compartilhando saberes:

CARTAS PEDAGÓGICAS  
PARA INSPIRAR A DOCÊNCIA



E-book Gratuito



Flaviane Anchieta  
Viviane M. Machado Maurenre  
(Organizadoras)

# Tecendo histórias, compartilhando saberes:



**CARTAS PEDAGÓGICAS  
PARA INSPIRAR A DOCÊNCIA**

1ª edição

Z Multi Editora  
Estância Velha/RS  
2025

## **Tecendo histórias, compartilhando saberes:**

cartas pedagógicas para inspirar a docência

### **Organizadoras:**

Flaviane Anchieta e Viviane M. Machado Maurente

### **Coordenação editorial:**

Sandra Hess

### **Diagramação:**

Cleber Zanovello Dariva

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

A539t

Anchieta, Flaviane Gonçalves.

Tecendo memórias, compartilhando saberes: cartas pedagógicas para inspirar a docência [recurso eletrônico] / Flaviane Gonçalves Anchieta, Viviane M. Machado Maurente. Estância Velha: Z Multi Editora, 2025.

46 p.: il.; 1 Mb ; PDF

ISBN 978-65-5243-057-1

1. Educação. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. 4. Alvorada (RS). I. Título. II. Maurente, Viviane M. Machado.

CDU 371.13

Bibliotecária responsável: Maria do Carmo Mitchell Neis – CRB 10/1309

## **Agradecimentos**

Este e-book não existiria sem a generosidade, a escuta e a presença das professoras que participaram dos Encontros Formativos Dialógicos (EFD) realizados no contexto desta pesquisa.

A cada encontro, vocês partilharam não apenas palavras, mas também memórias, silêncios, inquietações e sonhos. Abriram espaços de confiança e afeto, revelando que a formação docente também acontece nos gestos cotidianos, nas pausas para respirar, nas risadas partilhadas e nas resistências construídas em coletivo.

Através das suas vozes, tornaram-se aparentes os saberes que muitas vezes permanecem invisibilizados nas formações tradicionais. Vocês acolheram a proposta com coragem e sensibilidade e, com isso, este trabalho se transformou em algo vivo, verdadeiro e profundamente humano.

Agradeço também aos professores do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) por incentivarem a pesquisa, a criação e a implementação de ações transformadoras no campo

da formação de professores da educação básica. Suas palavras semearam inquietações, e suas escutas cuidadosas alimentaram os caminhos que se abrem neste trabalho.

Como nos inspira Paulo Freire: “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (1992, p. 155).

Obrigada por caminharem comigo nesta jornada de esperar.

Com gratidão e admiração,

**Flaviane Anchieta e  
Viviane M. M. Maurente**

# Sumário

1. Por que Escrevemos: Um Encontro com a Formação Docente -----	06
2. Encontros Formativos Dialógicos: Escuta, Afeto e Resistência na Formação Docente -----	10
3. Formação Permanente: Diálogo, Emancipação e Protagonismo Docente -----	13
4. Afetividade e formação: quando o cuidado é também um ato político -----	17
4.1 Carta da Professora Afetividade -----	19
5. O respeito como princípio formativo e ético da docência -----	21
5.1 Carta da Professora Respeito -----	23
6. Esperançar como prática docente e política de resistência -----	25
6.1 Carta da Professora Esperança -----	27
7. Ensinar é pesquisar: a docência como construção coletiva do conhecimento -----	29
7.1 Carta da Professora Pesquisadora -----	31
8. Pronunciar o mundo: Escutar, Dialogar e transformar -----	33
8.1 Carta da Professora Diálogo -----	34
9. Educar é um Ato de Consciência Crítica -----	36
9.1 Carta da Professora Consciência -----	37
10. O Esperançar como Prática de Resistência -----	39
10.1 Carta da Professora Esperançar -----	40
11. Considerações Finais: Educar com Amor é Subverter Silêncios -----	42
Referências bibliográficas -----	45

## **Por que Escrevemos: Um Encontro com a Formação Docente**

Este e-book nasce das palavras partilhadas, dos silêncios escutados e dos afetos tecidos nos Encontros Formativos Dialógicos realizados com professoras dos Anos Iniciais da Educação Básica, em uma escola municipal de Alvorada/RS. Ele não é apenas um registro, mas sim um gesto político epoiético de valorização da experiência docente.

As Cartas Pedagógicas aqui reunidas foram escritas pelas próprias professoras participantes da pesquisa, destinadas a educadores e educadoras em início de jornada, como forma de acolhimento, partilha e fortalecimento coletivo. Inspiradas na metodologia dos Círculos de Cultura, essas escritas emergiram como atos de escuta, memória e diálogo, revelando os saberes que se constroem no chão da escola — saberes que resistem, que se reinventam, que esperançam.

Dialogar com Paulo Freire é afirmar que ninguém educa ninguém sozinho, tampouco educa a si mesmo isoladamente. Educamo-nos juntos, nas tramas de uma prática que se faz crítica, amorosa e comprometida com a humanização. Ao optarmos pelo gênero carta, reafirmamos o vínculo entre

palavra e mundo, entre sujeito e contexto, entre formação e transformação.

A pedagogia freireana é, antes de tudo, um convite à escuta que acolhe, ao diálogo que reconhece o outro como sujeito de saber. É o direito de dizer — mesmo quando historicamente silenciado — e de ser ouvido com atenção, humildade e respeito. Como nos lembra Freire, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão” (Freire, 2023, p.). Assim, o diálogo é mais do que um método: é um modo de ser no mundo com o outro, na horizontalidade das relações e na esperança que se reinventa a cada encontro.

A escrita epistolar aqui não é apenas um recurso estético, mas um gesto ético. É a expressão de uma escuta ativa, de um olhar sensível para os desafios cotidianos da docência, de um reconhecimento de que a formação docente não é um ponto de chegada, mas um percurso em permanente construção. Cada carta é um convite à reflexão, à partilha e ao pertencimento.

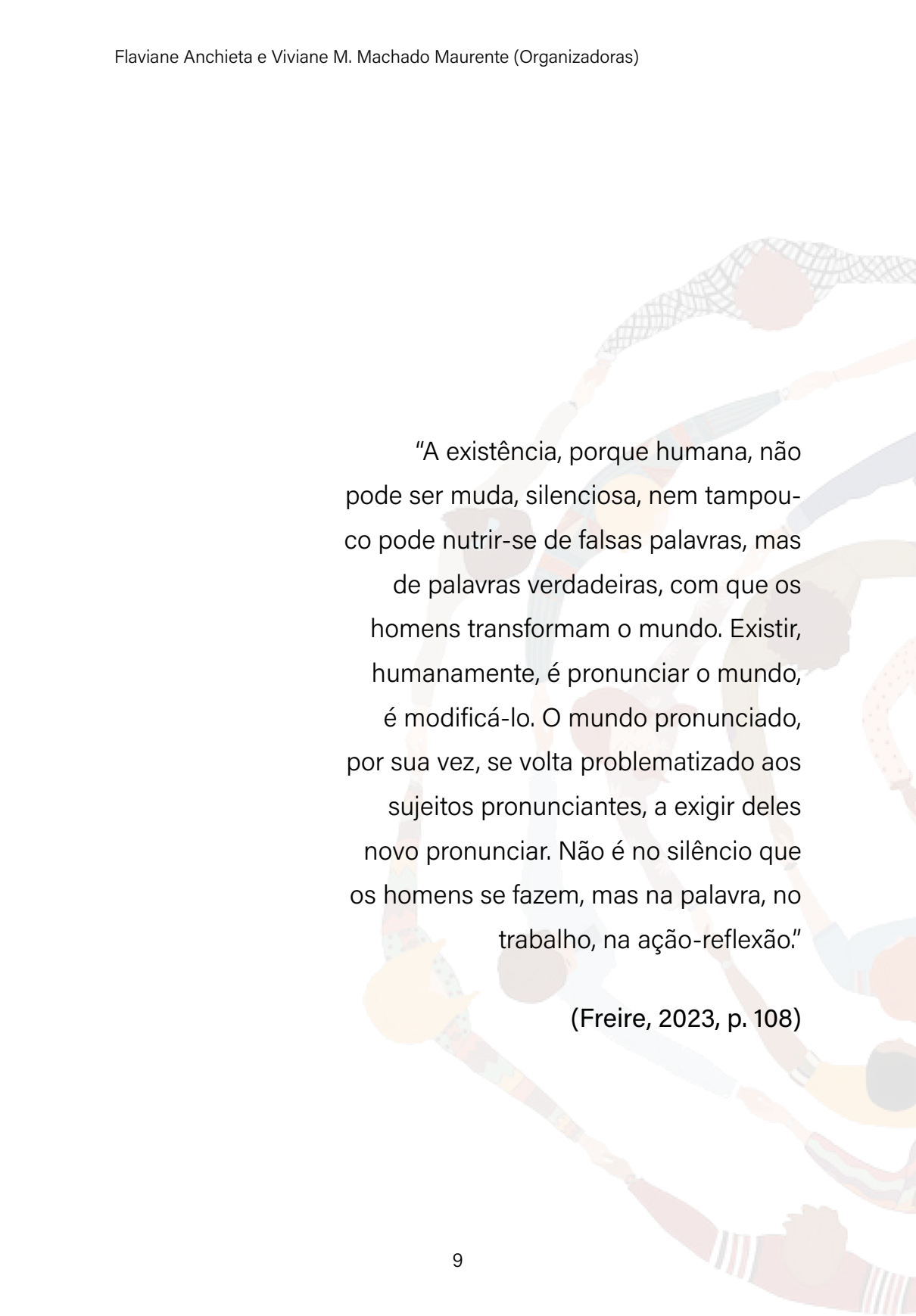
Este e-book é, portanto, um ato de devolução e de continuidade. Devolve à comunidade educativa os sentidos produzidos coletivamente e alimenta a chama da formação permanente como direito, desejo e necessidade. É também um gesto político de resistência frente às normas hegemônicas

de formação docente — muitas vezes impostas, fragmentadas e descoladas da realidade da escola — e um chamado para que construamos, juntas e juntos, espaços de formação enraizados no diálogo, na escuta e no afeto.

Neste sentido, este e-book — tecido por cartas, memórias e afetos — se transforma em uma grande roda de conversa. Um lugar em que as vozes das professoras se encontram com as de Paulo Freire em um movimento de escuta e reinvenção. Pode ser um livro, sim, mas também pode ser uma sombra de mangueira, um banco de praça, um corredor de escola. Espaços simples, mas repletos de sentido quando atravessados pela palavra viva e pelo desejo genuíno de transformar a educação.

Cada carta aqui escrita carrega em si a marca de uma existência que ensina e aprende. São registros de uma docência que resiste, que sofre, que sonha e que não desiste de acreditar que é possível construir um mundo melhor, começando pela escola. Como bem diz Freire (1996, p. 84), “a educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. E este livro, em sua tessitura de saberes partilhados, é também um gesto de transformação.

Boa leitura. Que ela seja também um bom encontro.

A faint, stylized illustration in the background shows a group of diverse people of various ethnicities and ages holding hands in a circle, symbolizing unity and community. The illustration is rendered in soft, muted colors like light blue, yellow, and grey.

“A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

(Freire, 2023, p. 108)

## **Encontros Formativos Dialógicos: Escuta, Afeto e Resistência na Formação Docente**

A formação permanente dos professores precisa estar enraizada em práticas que respeitem a historicidade, a experiência e a condição existencial dos sujeitos que educam. Nesse sentido, os Encontros Formativos Dialógicos (EFD's), inspirados na pedagogia freireana, configuram-se como espaços coletivos de escuta, reflexão crítica e construção compartilhada de saberes — espaços em que se pratica o diálogo como princípio fundante da ação pedagógica. Essa perspectiva não compreende a formação como repasse de conteúdos ou consumo de ideias prontas, mas como vivência de um processo político e existencial de humanização, em que o educador é sujeito ativo de sua trajetória formativa. Paulo Freire afirma com clareza:

“Se é dizendo a palavra com que, pronunciando o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se

solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes” (Freire, 2023, p. 109).

Essa citação ilumina a centralidade do diálogo como prática fundante da formação permanente. O EFD se ancora exatamente nesse princípio: ele não se organiza como palestra, oficina ou curso com conteúdo previamente definido e aplicado de forma verticalizada. Ao contrário, o que se busca é a criação de um espaço-tempo em que a palavra dos professores possa emergir com densidade, reconhecida como expressão legítima de quem vivencia os desafios da escola pública, da docência e da formação em contextos muitas vezes adversos.

Nesses encontros, o diálogo não é instrumental. Ele é ontológico. É o modo como os sujeitos se constituem, se reconhecem e se comprometem com a transformação da realidade educativa. A formação, nesse contexto, não acontece para o outro, mas com o outro, em comunhão, como defende Freire (1996, p. 61): “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. A comunhão do dizer e do escutar, do refletir e do agir, torna-se, assim, o

solo fértil sobre o qual se constroem aprendizagens com sentido.

O EFD, ao possibilitar essa vivência coletiva, colabora para a superação da lógica da formação bancária, que tantas vezes reduz os professores à condição de receptores passivos de prescrições e conteúdos descolados da realidade. Em seu lugar, propõe-se uma prática formativa crítica, em que o saber não é imposto, mas produzido na partilha. Como reforça Arroyo (2015), a formação é também espaço de luta simbólica, de afirmação da profissão e da identidade docente frente às tentativas de esvaziamento e controle.

Portanto, conceber o EFD como prática permanente significa reconhecer que o desenvolvimento profissional não se limita à atualização técnica ou ao cumprimento de jornadas obrigatórias de formação. Ele implica criar espaços em que os professores possam dizer sua palavra sobre o mundo, suas práticas e seus desafios; espaços em que essa palavra não seja consumida, mas acolhida e ressignificada na coletividade. Só assim a formação pode, de fato, ser dialógica, emancipadora e comprometida com a transformação social.

## **Formação Permanente: Diálogo, Emancipação e Protagonismo Docente**

A formação permanente, quando compreendida a partir de uma perspectiva freireana, não se limita à simples atualização técnica ou à reprodução de conteúdos prescritos. Ela se torna, acima de tudo, um processo contínuo de humanização, no qual o educador é reconhecido como sujeito histórico, capaz de refletir criticamente sobre sua prática e de intervir no mundo para transformá-lo. Nesse sentido, é fundamental retomar Paulo Freire (1996, p. 61), ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.”

Pensar a formação permanente como um caminho dialógico é reconhecer que os saberes docentes não são dados prontos, mas construídos nas experiências cotidianas, nas trocas entre colegas, nos desafios enfrentados dentro e fora da sala de aula. A dialogicidade, princípio fundante da pedagogia freireana, nos convida a romper com modelos formativos verticalizados, nos quais o educador é visto como mero receptor de saberes “legítimos”, negando

a riqueza de seus próprios conhecimentos, construídos na práxis.

A verdadeira formação permanente é, portanto, aquela que parte do chão da escola, das inquietações reais dos professores e professoras, e que se abre ao diálogo com o contexto, com a cultura e com a historicidade de cada sujeito.

Trata-se de uma formação que reconhece que ninguém se humaniza sozinho, que ninguém se emancipa em isolamento, mas sim na coletividade, no encontro com o outro, na escuta ativa e na partilha de sentidos.

Nesse processo, emerge o protagonismo docente como um dos pilares fundamentais. Ao contrário do que muitas vezes ocorre nas formações tradicionais — centradas em prescrições externas e alheias à realidade escolar — a formação dialógica emancipa porque dá voz aos educadores, reconhece seus saberes, valoriza suas narrativas e legitima suas experiências como fonte de conhecimento. Como afirma Nóvoa (2009, p. 100), “não há identidade sem história, não há profissão sem narrativas.”

Em comunhão com essa perspectiva, Demo (2003) defende que é necessário que os professores deixem de ser objetos da formação para se tornarem sujeitos da construção do conhecimento, participando ativamente dos processos formativos, com autonomia, criticidade e autoria. Isso

implica dizer que o protagonismo não é um estado dado, mas algo que se constrói na medida em que há condições reais de participação, reconhecimento e escuta.

A formação permanente, quando orientada pela dialo-  
gicidade, promove também a conscientização — outro con-  
ceito central da pedagogia freireana.

Conscientizar-se é perceber-se como sujeito inacaba-  
do, mas capaz de compreender a realidade e de atuar para  
transformá-la. Como lembra Freire (2023, p. 13), “a leitura do  
mundo precede a leitura da palavra.” E não há transformação  
do mundo sem antes compreendê-lo, expressá-lo, dizê-lo.

Assim, formar-se de maneira permanente exige ler o  
mundo, dialogar com ele, perceber as contradições e agir  
sobre elas. Requer coragem para dizer o indizível, visibilizar  
o invisibilizado e lutar pela humanização. Trata-se, portan-  
to, de um ato político no sentido mais profundo do termo: o  
de participar ativamente da construção de uma escola mais  
justa, democrática e sensível às múltiplas realidades que a  
atravessam.

Por isso, a formação permanente não deve ser vista  
como um evento pontual, mas como uma trama contínua  
de experiências, reflexões, vivências e trocas — uma tessi-  
tura coletiva que fortalece vínculos, reconstrói identidades e  
ressignifica o ser docente. É nesse movimento que se torna

possível não apenas atualizar-se, mas transformar-se; não apenas aprender, mas esperar.

Como nos inspira Freire, “formar é muito mais que treinar. É formar para a autonomia, para a criatividade, para a responsabilidade social” (Freire, 1996, p. 10). É neste horizonte que se inscreve esta pesquisa e os Encontros Formativos Dialógicos que a compõem: como experiências de escuta, de afeto, de crítica e de construção coletiva. Espaços em que a palavra se faz ato, em que o educador é autor de sua caminhada, em que a formação é, ao mesmo tempo, um direito, uma necessidade e uma prática de liberdade.

## **Afetividade e formação: quando o cuidado é também um ato político**

Em tempos marcados pela exaustão, pela desumanização das relações escolares e pela imposição de práticas burocráticas, falar de afetividade na educação é um gesto radical. Não se trata de uma afetividade idealizada ou romântica, mas de uma atitude ética que reconhece o outro em sua inteireza, como sujeito histórico, sensível e inacabado. Na pedagogia freireana, o afeto é parte indissociável do ato de educar. Paulo Freire nos adverte que:

“É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje” (Freire, 2023, p. 73).

Essa afirmação nos convida a romper com a falsa dicotomia entre razão e emoção, entre técnica e sensibilidade. Ser professor ou professora exige, sim, preparo teórico

e domínio didático, mas exige também empatia, escuta, presença real diante dos sujeitos que aprendem. A afetividade, portanto, não é um “extra” na formação docente — ela é constitutiva do trabalho pedagógico comprometido com a emancipação humana.

Freire nos ensina que educar é ato de amor, e amar, nesse contexto, é comprometer-se com o crescimento do outro. Significa enxergar para além das dificuldades, acreditar nas potências que ainda não se manifestaram, sustentar vínculos mesmo quando tudo ao redor desaba. Esse amor não é passividade: é força transformadora, é prática de liberdade.

É nesse horizonte que se insere a carta da Professora Afetividade. Suas palavras revelam, com sensibilidade e firmeza, as contradições vividas no cotidiano escolar, mas também a escolha consciente de permanecer, de resistir e de cuidar. A carta não apenas testemunha os desafios da profissão docente, como também denuncia a invisibilização dos sentimentos no exercício do magistério — e afirma a necessidade de uma escuta que acolha também o que não se diz com palavras.

A seguir, a carta ganha corpo como expressão genuína de uma prática educativa vivida com entrega, reflexão e compromisso com a infância e com a docência. Que suas

palavras nos convoquem a pensar a afetividade como uma das formas mais potentes de esperar a escola e reinventar a formação docente.

*Futuro docente,*

*Ser um professor nos dias atuais é um desafio a cada instante, esta profissão nos causa angústia, medo, satisfação, prazer, um mix de sentimentos até mesmo em um único dia, entre colegas, gestores, mantenedora, governantes ou até mesmo o proprietário caso seja instituição privada.*

*Vivemos um dia de cada vez , mas sempre com um olhar atento seja a curto ou a longo prazo, pois nossa prática de hoje poderá refletir positivamente ou negativamente em uma criança que é a nossa escultura, que é moldada a cada dia, cada ano já que somos muitas vezes a única referência para o nosso aluno.*

*Muitas vezes não é possível ultrapassar o portão da escola sem que o problema nos acompanhe, nossos familiares também nos ouvem, se solidarizam e nos apoiam nesta escolha. A profissão de docente/educador/professor exige muito de nós, embora não pareça, mas é preciso ter comprometimento, responsabilidade, afetuosidade com estes pequenos que um dia poderão até lembrar de nós como a melhor ou*

*pior professora de sua vida escolar, porque deixamos marcas por menores que sejam.*

*Ao escolher esta profissão saiba que será difícil, mas lembre-se que em alguns momentos você será a única referência desta criança.*

**Professora Afetividade**

## **O respeito como princípio formativo e ético da docência**

Na trajetória docente, somos constantemente interpe-  
lados por dilemas éticos que atravessam a relação com os  
alunos, com os colegas, com a instituição e, sobretudo, co-  
nosco mesmos. Em meio a tantos desafios, há um valor que  
precisa ser reafirmado, cotidianamente, como fundamento  
da prática educativa: o respeito. E não um respeito formal  
ou meramente disciplinar, mas aquele que reconhece a al-  
teridade como condição para o encontro e para a aprendi-  
zagem.

Paulo Freire, com sua sabedoria profundamente huma-  
na, nos lembra que:

“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é  
um imperativo ético e não um favor que podemos ou  
não conceder uns aos outros. Precisamente porque  
éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética  
e resvalar para a sua negação, por isso é imprescin-  
dível deixar claro que a possibilidade do desvio ético  
não pode receber outra designação senão a de trans-  
gressão” (Freire, 1996, p. 31).

Essa afirmação desloca o respeito do campo das boas intenções para o campo das exigências éticas mais profundas. Respeitar os educandos é compreender que eles não são extensões do nosso planejamento, nem moldes a serem preenchidos com comportamentos ideais. É reconhecer que cada sujeito tem seu tempo, seu jeito, sua história — e que cabe à docência abrir-se à diversidade, acolhendo os conflitos e limites como parte constitutiva do processo educativo.

O respeito, assim compreendido, não é passividade diante das diferenças, mas compromisso ativo com a dignidade de cada um. Exige escuta, humildade, disponibilidade para rever certezas e, muitas vezes, coragem para enfrentar os próprios limites. Exige também a capacidade de olhar para si com honestidade, reconhecendo que aprender a ensinar é um caminho feito de erros, aprendizados e reinvenções.

É nesse espírito que se inscreve a carta da Professora Respeito. Suas palavras revelam um percurso de transformação — não apenas de técnicas ou métodos, mas de si mesma como educadora. Ao partilhar sua experiência, ela nos convida a pensar que o respeito não é o ponto de chegada, mas o solo a partir do qual podemos construir relações mais humanas, sensíveis e formativas. Sua carta é um

testemunho potente de que ensinar e aprender são, antes de tudo, atos de humanidade.

A seguir, deixo ecoar sua voz. Que ela nos inspire a praticar, a cada dia, uma educação fundada no respeito mútuo e na ética da escuta.

*Queridos colegas,*

*É com muito carinho que escrevo esta carta, onde relembro a minha trajetória como professora, os meus desafios e o que ainda estou aprendendo sobre o ato de ensinar e aprender.*

*No meu primeiro planejamento, para uma turma de segundo ano, dos anos iniciais, eu tinha a certeza que estava entrando na turma para ensinar, depois de muitos acontecimentos desagradáveis e situações onde eu passava pedindo silêncio o tempo todo, conversei com a orientadora, que muito gentil, me falou algumas palavras e elas não fizeram muito efeito, mas serviram para eu pesquisar mais, estudar mais.*

*Hoje eu entendo, o que eu esperava dessa turma, nunca teria, pois o meu desejo era que todos tivessem a mesma postura, mesma dedicação, mesmo resultado.*

*Isso me fez sofrer bastante como professora, e se olhar*

*atentamente, foi essa turma e tantas outras que ao longo do tempo vem me ensinando, que o meu planejamento precisa estar pronto, para se adaptar com novas ideias, respostas e o que não pode faltar é o RESPEITO, principalmente nosso com os alunos, isso não significa dizer sempre: sim, mas significa, olhar e perceber os limites e possibilidades de cada um, inclusive olhar e sentir os NOSSOS limites e possibilidades de estar aprendendo sempre .*

**Professora Respeito**

## **Esperançar como prática docente e política de resistência**

No cenário desafiante da docência, marcado por incertezas, cobranças e transformações constantes, manter viva a esperança não é ingenuidade — é um ato político e pedagógico. Paulo Freire nos ensina que:

“A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido” (Freire, 1996, p. 58).

Nesta afirmação, está o convite à coerência entre o que se ensina e o modo como se vive — com afeto, criticidade e compromisso com a transformação social. Esperançar, nesse contexto, não é esperar passivamente, mas agir com confiança no inédito viável, mesmo em meio às dificuldades. É viver a docência com sentido, reconhecendo que cada dia

na escola pode ser um espaço-tempo fecundo de formação mútua entre educadores e educandos.

A carta da Professora Esperança nos conduz exatamente por esse caminho: o da escuta de uma voz que, mesmo nos primeiros anos de profissão, já compreende que ensinar é também aprender, adaptar-se, partilhar e persistir. Suas palavras ecoam a prática docente como lugar de busca, de troca, de afeto e de constante reinvenção. Ao reconhecer suas inseguranças, ela também afirma seu compromisso ético com a aprendizagem, com o cuidado e com a construção coletiva do saber.

Nesse sentido, a sua carta é mais do que um relato pessoal — é um gesto de generosidade, que oferece a futuros docentes um olhar honesto e sensível sobre o início da caminhada, reforçando que a força da docência está, também, na rede de apoio que se constrói entre colegas, no desejo de aprender com os outros e na coragem de esperar mesmo diante do cansaço.

Que sua voz inspire quem chega à escola, lembrando que é possível construir vínculos, reinventar práticas e seguir em frente — um passo de cada vez, mas com o coração cheio de sentido e compromisso.

A seguir, deixamos suas palavras circularem. Que encontrem acolhida e ressonância em cada educador e edu-

cadora que, como ela, faz da esperança uma presença viva no cotidiano escolar.

*Futuro docente,*

*Meu tempo de experiência como docente é recente e não cheguei ainda aos muitos anos na educação, mas eu diria que já vivenciei alguns momentos de insegurança diante da responsabilidade em transmitir o conhecimento necessitando buscar mecanismos diferentes daqueles ensinados em minha formação, pois percebi logo no início do exercício da minha profissão que nem sempre conseguiremos aplicar aquela teoria ensinada no curso, ao menos nem sempre da forma como nos foi passado, porém sempre mantive a postura mental de refletir e buscar ajuda quando necessário e essa seria justamente a minha sugestão principal. Não entrar em desespero diante da insegurança e buscar orientação seja através de algum colega que esteja mais próximo ou mesmo buscando recursos em meios diferentes como cursos, palestras confiáveis, etc. Além disso, percebi que os desafios e as mudanças dentro da nossa área são constantes em diversos níveis e em relação às inúmeras situações que podem ocorrer em um ano letivo, assim como é necessário que a mente do professor esteja propensa a novas mudanças em todos os sentidos e a qualquer tempo. Atualmente, tenho algumas co-*

*legas em que compartilho de mais afinidade para manter uma troca de experiências, diálogo acerca de dificuldades enfrentadas em sala de aula e mesmo para trocas de materiais pedagógicos, pois agora já me sinto mais preparada e vinculada ao meu trabalho e isso é adquirido com o passar do tempo, além disso, é preciso confiar que de um ano para o outro as situações podem ser diferentes, ou seja, às vezes temos um ano mais difícil, porém não significa que sempre será dessa forma e apesar das dificuldades estamos como nossos alunos sempre aprendendo e nos adaptando. Da minha parte, sempre que possível estou à disposição para ajudar naquilo que eu souber e tiver condições de contribuir, pois nesses poucos anos de magistério também encontrei colegas maravilhosas que ainda tenho contato na escola e mesmo outras que conheci e hoje, não tenho mais vínculo, porém estão em minha memória pela dedicação com seu trabalho que pude presenciar e observando consegui também aprender. Espero ter contribuído ao menos um pouco!*

*Com carinho,*

**Professora Esperança**

## **Ensinar é pesquisar: a docência como construção coletiva do conhecimento**

No pensamento de Paulo Freire, a prática docente não se limita ao ato de ensinar conteúdos: ela é, por natureza, uma prática investigativa. O educador freireano não repete saberes cristalizados, mas questiona, busca, problematiza e aprende com a própria ação pedagógica. Como afirma o autor:

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro.

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (Freire, 1996, p. 16).

Nesse horizonte, a docência se configura como uma prática inacabada, inquieta e profundamente ética. Ensinar exige rigor, curiosidade, humildade epistemológica e compromisso com a transformação social. Exige não apenas conhecer os conteúdos, mas também investigar as realidades

dos alunos, os contextos da escola, os sentidos da aprendizagem, os obstáculos que se colocam e as possibilidades que se abrem a cada encontro.

A carta da Professora Pesquisadora é uma potente expressão dessa postura investigativa e engajada. Suas palavras nos convidam a reconhecer que ser educador é, também, assumir-se como sujeito de pesquisa — alguém que busca constantemente compreender para transformar, que enfrenta desafios com base teórica e sensibilidade, que sabe que a sala de aula é um espaço de criação e reinvenção permanente.

Ela nos lembra que, embora a docência seja repleta de embates e lutas — pelas condições de trabalho, pelo reconhecimento profissional, pela dignidade da escola pública —, também é carregada de realizações, da beleza dos encontros, da alegria das descobertas e da potência de ver cada criança avançar.

Ao nos dirigir essa carta, a Professora Pesquisadora compartilha não apenas sua trajetória, mas uma postura ética diante do ensino: o compromisso de estudar, de dialogar, de construir com os colegas e com os alunos uma educação que faça sentido, que emancipe e que transforme. Seu testemunho reafirma a urgência de uma formação docente pautada pela curiosidade, pelo rigor e pela generosidade de

quem pesquisa para melhorar a própria prática — e, com ela, o mundo.

Que sua escuta seja atenta e inspirada. Que suas palavras encontrem abrigo e mobilizem outras tantas buscas por uma docência consciente, crítica e amorosa.

*Futuro docente,*

*O exercício da atividade docente, muitas vezes se apresenta com grandes desafios e obstáculos a serem superados, entretanto também nos proporciona momentos únicos em nossa vivência, onde o prazer de ver uma criança/aluno superar suas dificuldades para se apropriar do conhecimento é um momento mágico.*

*Mas, como todo trabalho, também precisa de muito estudo, dedicação, empenho e principalmente gostar do que se faz. Não é um caminho fácil, pois ao longo de nossa carreira profissional, muitas batalhas serão necessárias, algumas já ganhas por colegas que nos antecederam e outras cabe a nós lutarmos, para obtermos melhorias nas condições de trabalho, reconhecimento e valorização. Entretanto a mágica que acontece quando fechamos a porta da nossa sala de aula, somente nós poderemos desfrutar, pois compete a nós realizarmos um trabalho de excelência, com densidade pedagógica, buscando incessantemente o melhor para os nossos alunos.*

*Nossa profissão está em constante movimento e nunca podemos nos acomodar, pois o conhecimento requer uma incessante busca, estudar sempre, cada vez mais, deverá ser uma constante no nosso aprimoramento profissional, estar aberto a novas ideias, dialogar com pares é essencial para melhorar da nossa prática pedagógica. Pautar a nossa prática com um bom embasamento teórico, nos possibilita qualificar a nossa docência.*

*Sejam muito bem-vindos a este mundo de embates, confrontos e realizações, pois tenho certeza de que se você estiver munida de amor pela profissão os desafios serão superados com leveza.*

*Carinhosamente,*

**Professora Pesquisadora**

## **Pronunciar o mundo: Escutar, Dialogar e transformar**

Paulo Freire nos ensina que educar é muito mais do que transmitir conteúdos: é um ato de implicação ética, política e amorosa com o mundo e com os sujeitos que o habitam. Ao dizer que “o mundo pronunciado se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes”, Freire aponta para a natureza inacabada da realidade e da própria prática docente, sempre em movimento, sempre exigindo novos gestos de leitura e reinvenção.

“O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (Freire, 2023, p. 108).

A educação, compreendida nesse horizonte, não acontece no silêncio imposto, na rotina burocratizada ou nas relações hierarquizadas. Ela se constrói na palavra viva, na escuta ativa, no diálogo que acolhe e tensiona, na ação-reflexão que transforma. Pronunciar o mundo, para o/a professor/a, é também assumir a responsabilidade de lê-lo criticamente

com seus estudantes e com seus pares, reconhecendo-se como sujeito histórico e coletivo do ato educativo.

A carta que segue é escrita a partir dessa perspectiva. Nela, a “Professora Diálogo” compartilha vivências e aprendizagens construídas na concretude da escola, reconhecendo os desafios, mas também os espaços de resistência e afeto que emergem nas relações cotidianas. Seu texto ecoa a pedagogia freireana ao valorizar a escuta sensível como forma de cuidado, a palavra como possibilidade de reencantamento, e o diálogo como condição para a formação docente que se quer crítica, humana e transformadora.

Assim, ao acolher essas palavras, convidamos você, futuro(a) educador(a), a também problematizar o mundo, a escutá-lo e a transformá-lo. Que este gesto de leitura seja mais um passo no processo de se fazer professor(a) em comunhão com outros e com outras, sem medo de sonhar, de lutar e de amar por uma educação mais justa e significativa.

*Querido(a) futuro(a) professor(a),*

*Escrevo estas linhas com o coração aquecido pela partilha e pela escuta, que têm sido companheiras constantes na minha trajetória como educadora. Aprendi, ao longo dos*

*anos, que o diálogo não é apenas uma ferramenta, mas uma forma de ser na educação. Quando escutamos com atenção, algo se transforma – em nós e no outro.*

*Muitas vezes, o cotidiano da escola nos atravessa com pressões, burocracias e silêncios impostos. Mesmo assim, há resistência nas conversas no corredor, nos cafés prolongados, nas palavras trocadas com colegas e com os estudantes. É nesses encontros que encontramos força e construímos sentido. Como nos ensinou Paulo Freire, não há ensino sem aprendizagem, e ninguém educa ninguém sozinho: educamo-nos em comunhão.*

*Nos momentos de cansaço – que virão –, lembre-se de que a escuta sensível e o diálogo verdadeiro não curam tudo, mas podem reencantar o caminho. Quando acolhemos a dor do outro, mesmo sem solução, já estamos construindo uma escola mais humana.*

*Que você encontre seus pares. Que possa falar e também ser ouvido(a). Que saiba que, mesmo quando tudo parece travar, é possível encontrar frestas por onde o afeto e o compromisso com a educação passem.*

*Com esperança e diálogo,*

**Professora Diálogo**

## **Consciência crítica e compromisso com a transformação**

Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (Freire, 2023, p. 42).

Em tempos de esgotamento, desvalorização e fragmentação do trabalho docente, falar em consciência pode parecer uma tarefa secundária ou idealista. Mas é justamente nesse contexto que a consciência crítica torna-se indispensável. Como nos ensina Paulo Freire, assumir-se como sujeito histórico é reconhecer-se como alguém que pensa, sente, transforma, cria e sonha — alguém que, por amar profundamente o mundo e os outros, também pode se indignar com as injustiças que o atravessam.

A carta que se segue nasce desse lugar de indignação amorosa, de lucidez que não paralisa, mas impulsiona. A “Professora Consciência” compartilha, em tom honesto e afetuoso, uma reflexão sobre os desafios cotidianos da profissão docente, convidando o/a futuro/a educador/a a não aceitar de forma passiva o que adocece, oprime ou silencia.

Em suas palavras, há coragem, mas também ternura; há crítica, mas também cuidado.

Esse gesto de escrita é, por si só, um ato de resistência. Porque educar — quando feito com compromisso ético — é inseparável da luta por dignidade, pela valorização da escuta, pela construção de ambientes escolares mais humanos. A consciência crítica de que fala Freire não é uma negação da emoção ou da vulnerabilidade, mas uma ampliação do olhar sobre o mundo e sobre si. É perceber que resistir também passa por cuidar-se, colocar limites, pedir ajuda e não se calar diante do que fere.

Ao acolher esta carta, permita-se também acolher suas próprias perguntas, dúvidas e inquietações. Que essa leitura te fortaleça para seguir, com firmeza e afeto, sendo sujeito de sua própria história e parte ativa na transformação da educação.

*Futuro(a) educador(a),*

*Seja bem-vindo(a) à travessia. Ser professora, ser professor, é uma escolha que exige coragem, pois vivemos entre contradições. Em muitos momentos, sentiremos que somos cobrados por resultados, mas impedidos de sermos verdadeiramente autônomos. A docência, nesse contexto, não pode ser vivida com ingenuidade.*

*Aprendi, ao longo do tempo, que é preciso desenvolver uma consciência crítica sobre o que nos cerca. Isso significa olhar para o sistema que nos forma e nos cobra, e também olhar para dentro: perceber os próprios limites, reconhecer nossos sentimentos, compreender as dores que carregamos. Muitas vezes, projetamos no aluno ou na escola um mal-estar que vem de outros lugares. É preciso estar atento.*

*Paulo Freire nos ensina que é preciso sair da condição de objeto e assumir-se como sujeito da própria história. Por isso, te convido a não aceitar calado(a) as injustiças que naturalizam o adoecimento da nossa profissão. Cuidar de si também é resistir. Buscar ajuda, colocar limites, recusar o acúmulo insustentável de tarefas — tudo isso é gesto político.*

*A escola ainda é um espaço possível de transformação, apesar de tudo. E é no cotidiano, nas pequenas decisões, que podemos afirmar nosso compromisso com uma educação ética, consciente e comprometida com a dignidade de todos os envolvidos.*

*Que você siga seu caminho com lucidez, mas também com ternura. E que sua prática seja sempre atravessada por uma pergunta essencial: que tipo de educador(a) eu quero ser para o mundo?*

*Com firmeza e afeto,*

**Professora Consciência**

## **Educar é Esperançar: Escuta, Diálogo e Compromisso**

“A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança” (Freire, 2023, p. 70).

Paulo Freire nos provoca a compreender que a prática educativa é sempre um movimento inacabado, aberto à problematização e à reinvenção. Ao pronunciar o mundo, não o encerramos — ao contrário, somos interpelados por ele, e chamados a um novo pronunciar. É nesse constante movimento de ação-reflexão que se faz o ser docente: na escuta, no diálogo, na partilha e, sobretudo, na esperança crítica que alimenta o compromisso com a transformação.

Esperançar, portanto, não é esperar passivamente por mudanças externas, mas lançar-se ao mundo com disposição ética, política e afetiva para recriá-lo cotidianamente. Em contextos de precarização, silenciamento e desencontro, a esperança se torna um gesto radical: não ingenuida-

de, mas resistência ativa e amorosa. Uma esperança que se move no concreto, que se sustenta na coletividade, que floresce em meio às contradições da escola real.

A carta que você encontrará a seguir nasce desse lugar. É escrita por uma professora que, entre cansaços e encantamentos, reafirma seu pertencimento à docência e oferece palavras que tocam, acolhem e fortalecem. Suas linhas não trazem respostas prontas, mas companheirismo. Não idealizam o cotidiano, mas reconhecem nele as pequenas frestas por onde o afeto e a luta seguem passando.

Ao lê-la, permita-se ser tocado(a) pela potência do gesto educativo como ação de esperar. Que estas palavras, nascidas da experiência e da escuta, encontrem em você, futuro(a) educador(a), um solo fértil onde o compromisso, o cuidado e o diálogo possam florescer — mesmo (e especialmente) nos dias difíceis.

*Querido(a) futuro(a) professor(a),*

*Se eu pudesse te desejar algo, não seria apenas força ou paciência — seria esperança. Mas não aquela esperança ingênua, de quem espera de braços cruzados. Falo da esperança que age, que se reinventa, que transforma o chão em caminho.*

*A docência é feita de muitas batalhas silenciosas: entre o que desejamos ensinar e o que conseguimos realizar; entre o que planejamos e o que a realidade permite; entre o cansaço e o compromisso. Em meio a tudo isso, a esperança é o que nos move a continuar.*

*Já me vi esgotada, duvidando da minha própria escolha. Mas bastou um gesto, uma fala de uma criança, um olhar de reconhecimento de uma colega para me lembrar por que sigo aqui. Às vezes, o que nos fortalece não é uma grande mudança, mas um pequeno respiro. Um abraço no corredor. Uma escuta verdadeira. Uma troca entre iguais.*

*Não há receita pronta. Mas posso te dizer: siga com firmeza no teu propósito, e não esqueça de se cuidar. O cuidado com o outro começa no cuidado com a gente. E a esperança precisa de solo fértil para florescer — esse solo é a escuta, o diálogo, o tempo de parar e refletir.*

*Você nunca estará sozinho(a) nessa jornada. E se um dia sentir que está, leia uma carta como esta. Somos muitos e muitas, espalhados por escolas, salas e sonhos, tentando fazer da educação um ato de resistência amorosa.*

*Com carinho,*

**Professora Esperançar**

## **Educar com Amor é Subverter Silêncios**

Encerrar este e-book é, na verdade, abrir novas possibilidades de leitura do mundo e de si mesmo. Cada carta aqui partilhada é mais do que um relato: é um gesto de amor, de resistência e de compromisso com a educação como prática da liberdade. Na escuta sensível e nas palavras cuidadosamente traçadas por professoras que vivem a escola em sua inteireza — com seus enfrentamentos e encantamentos — afirmamos a potência do diálogo como caminho formativo e político.

“Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo”(Freire, p. 110, 2023).

A pronúncia do mundo feita por essas educadoras é carregada de amor e de sentido. Elas narram sua prática não para impor modelos ou receitas, mas para estender pontes. Porque o diálogo verdadeiro, como nos lembra Freire, se

funda no amor, na humildade e na fé nas pessoas. A partilha de saberes e afetos, assim, só se sustenta em uma relação horizontal, em que se confia, se acolhe e se aprende junto. Freire afirma: “ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia” (2023, p. 113).

Essas páginas não romantizam a docência, mas também não a reduzem a um discurso de esgotamento. Ao contrário: elas anunciam frestas, gestos, vínculos e práticas que mantêm viva a esperança crítica — aquela que se compromete com a transformação. Afinal, como nos ensina Freire (2023, p.113): “não existe, tampouco, diálogo sem esperança”.

E se o diálogo, enquanto prática político-pedagógica, não impõe nem manipula, ele também não se faz neutro ou descomprometido. As palavras aqui reunidas têm consciência clara de seus objetivos: querem provocar, mobilizar, reencontrar, fortalecer vínculos e convocar à ação, como enfatiza Freire (2023, p. 228): “o diálogo não impõe, não maneja, não domestica, não sloganiza [...]. Não significa deixar de ter o diálogo uma consciência clara do que quer, dos objetivos com os quais se comprometeu”.

Assim, este e-book termina como um convite: que essas cartas sigam circulando, sendo lidas, relidas, debatidas

e inspirando outras escritas. Que o diálogo continue a ser cultivado nas salas de aula, nas formações, nos encontros entre docentes — como espaço de cuidado, de denúncia e de anúncio.

Porque, como diria o próprio Freire, é na amorosidade do diálogo que a educação resiste e renasce, todos os dias.

## Referências bibliográficas:

ARROYO, Miguel G. Os Movimentos Sociais e a construção de outros currículos. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 55, p. 47-68, 2015.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz & Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 87. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

NÓVOA, António Sampaio da. O retorno dos professores à escola. In: NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009

## As organizadoras



### **Me. Flaviane Gonçalves Anchieta**

Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), com graduação em Pedagogia e especialização em Educação Inclusiva. Atua na Educação Básica e na formação de professores, com interesse nas práticas pedagógicas críticas e dialógicas. Desde 2022, pesquisa os Círculos de Cultura como estratégia de formação docente e integra um grupo de estudos voltado à temática.

E-mail: [flaviane-anchieta@uergs.edu.br](mailto:flaviane-anchieta@uergs.edu.br)

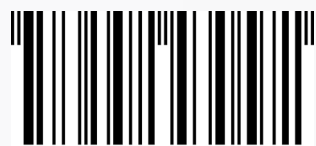


### **Dra. Viviane Maciel Machado Maurente**

Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela UFRGS, Mestre em Ciência do Movimento Humano pela UFSM, Especialista em Ciência do Movimento Humano e Graduação em Educação Física pela UFSM. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), atua no Curso de Mestrado Profissional em Educação da UERGS. É líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Inovação Escolar (GPFOPIE).

E-mail: [viviane-maurente@uergs.edu.br](mailto:viviane-maurente@uergs.edu.br)





9 786552 430571